

# O vírus e o lar – O que a pandemia revela sobre os lares das famílias?

FONTE: [BullyBloggers](#) | 01/04/2020

Na época em que escrevemos, a humanidade entrou verdadeiramente no tempo do corona. Na esperança de ‘achatar a curva’ da pandemia, vastas faixas da sociedade adotaram práticas de contenção do contágio (sejam elas obrigatórias, voluntárias ou semi-voluntárias, dependendo da legislatura local) conhecidas como ‘distanciamento social’ e ‘fique em casa’. As plataformas de mídia estão inundadas de crônicas dessas práticas, muitas delas compreensivelmente ansiosas, chocadas e desesperadas, devido à perda de renda ou medo pela doença dos entes queridos; mas muitas delas, ao contrário, bem-humoradas, excitadas, felizes por estarem fora do trabalho, e cheias da criatividade cômica, ao se conectarem com as suas casas (os gêneros aqui incluem: brincar com seu peixinho dourado; DJ com os fogões no fogão; usar o trilho da cortina do banheiro em um simulador de viagem de metrô). Certamente, tem havido sentimentos eco-fascistas, e pedidos por um controle autoritário do Estado sobre a situação, mas a ajuda mútua também tem proliferado: cestas básicas e suprimentos de desinfecção para os imunocomprometidos; kits de cuidados infantis e injeções para profissionais do sexo e usuários de substâncias; isenções de co-pagamento; moratórias de despejo; greves de aluguel; e esforços para garantir abrigo para os sem-teto. Este último, em particular, expõe o ponto crucial não dito e, em sua maioria, inquestionável da resposta prescrita para a pandemia: as casas particulares.

Os domicílios residenciais nucleares, ao que parece, são onde se espera que todos nós, intuitivamente, fiquemos, a fim de evitar a doença generalizada. Ficar em casa é o que, de alguma

forma, é óbvio, para nos manter bem. Mas há vários problemas com isso, pois qualquer pessoa inclinada a pensar criticamente sobre isso (mesmo por um momento) pode descobrir problemas, que podem ser resumidos como a mistificação da forma de casal; a romantização do parentesco; e a sanitização do espaço essencialmente inseguro que é a propriedade privada. Como pode uma zona definida pelas assimetrias de poder do trabalho doméstico (sendo o trabalho reprodutivo tão sexuado), do aluguel e da dívida hipotecária, da propriedade da terra e da escritura, da paternidade patriarcal e (muitas vezes) da instituição do casamento, beneficiar a saúde? Tais lares padrão são onde, afinal, todos sabem secretamente que a maior parte da violência terrena se abate: a Organização Mundial da Saúde chama a violência doméstica de “a mais difundida, mas entre as menos denunciadas violações dos direitos humanos”. LGBTs, principalmente os muito velhos e muito jovens, definitivamente não estão seguros: seu florescimento no lar capitalista é a exceção, não a regra. Daí se conclui que, ao serem examinados mais de perto, tanto o termo “distanciamento social” quanto o termo “Fique em Casa” parecem notáveis tanto pelo que não dizem (ou seja, o que presumem e naturalizam) quanto pelo que fazem. Abrigo em que lugar... e em quem? Distância de quem... ou de todos, menos de quem?

Mas o primeiro e mais difícil problema com a diretiva de ficar em casa é simplesmente este: nem todos têm acesso a uma moradia particular. Como as “Moms 4 Housing” (Mães por Moradia), sediadas em Oakland, dizem: “Como você #ShelterInPlace (#FiqueEmCasa) quando você não tem casa?” Em geral, há pelo menos duas formas diferentes: compartilhando e ocupando. Em desafio ético às diretrizes do Estado, vizinhos relativamente imunes têm aberto voluntariamente suas casas para os expostos e doentes, julgando o dever de solidariedade de vizinhança com os desabrigados mais premente do que o imperativo de evitar o contágio. Enquanto isso, ao tomar propriedades vagas sem permissão, e vivendo nelas (“auto-isolamento em andamento”, na placa da janela de uma mãe),

“Moms 4 Housing” está liderando o caminho para vencer a gentrificação na Califórnia, e decretando um entendimento de habitação confortável como um direito humano básico de nascimento. Infelizmente, ainda há muitas outras populações cuja resposta à pandemia não poderia ser “ficar em casa”, mesmo que quisessem que fosse, além dos sem moradia: por exemplo, pessoas em prisões, centros de detenção, campos de refugiados ou dormitórios de fábricas, pessoas presas em casas de repouso superlotadas, ou aquelas mantidas contra sua vontade em instalações médicas e/ou psiquiátricas. Se a COVID-19 for incompatível com estas instituições, no sentido de que uma resposta humana à pandemia é impossível em espaços tão antidemocráticos, então terá demonstrado, da mesma forma, que elas são incompatíveis com a dignidade humana. Em L.A., as autoridades estaduais estão providenciando trailers individuais e cabines de isolamento de emergência para os desabrigados. Mas uma resposta muito mais lógica poderia ser: transformar todos os hotéis e palácios privados em habitações arejadas e leves, sanitárias para todos. Libertar todos os prisioneiros e detentos agora, transformar as instalações de cuidados em vilarejos espaçosos, e dispensar todos os trabalhadores, pagando seu salário integral, para que possam deixar seus beliches para sempre, morar com seus amigos e seguir com a preguiça, pelo menos durante a próxima década.

Em segundo lugar, entre aqueles de nós que têm casas particulares, uma grande parte não está segura lá; e ser incapaz de sair apenas multiplica a ameaça. Uma quarentena é, com efeito, o sonho de um abusador – uma situação que entrega um poder quase infinito àqueles que têm a vantagem sobre uma casa. Assim, logo no início da epidemia na China, ONGs de direitos da mulher publicaram guias sobre sobrevivência ao abuso doméstico específico do coronavírus. Em 21 de março de 2020, o jornal The Guardian citou a fundadora uma mulher chinesa, fundadora de uma organização sem fins lucrativos: “De acordo com nossas estatísticas, 90% das causas da violência estão relacionadas à epidemia de Covid-19.” E à medida que o

vírus se espalha pela América, faríamos bem em prestar atenção a isso. O CEO do “180” nos Estados Unidos já observou isso: “Perpetradores ameaçam jogar suas vítimas na rua para que adoçam... Ouvimos falar de alguma retenção de recursos financeiros ou assistência médica.” Em suma, a pandemia não é hora de esquecer a abolição da família. Nas palavras da teórica feminista e da mãe Madeline Lane-McKinley; “As famílias são as painéis de pressão do capitalismo”. Esta crise vai ver um surto de limpeza doméstica, cozinha, cuidados, mas também abuso infantil, molestamento, estupro de parceiros íntimos, tortura psicológica, e muito mais”. Longe de um tempo para aceitar a ideologia dos “valores familiares”, a pandemia é um momento extremamente importante para prover, evacuar e geralmente capacitar os sobreviventes – e os refugiados – do lar familiar.

E, em terceiro lugar, mesmo quando a família nuclear privada não representa uma ameaça física ou mental direta à própria pessoa – sem espancamento de cônjuge, sem estupro de criança e sem espancamento de LGBTs – o modo privado de reprodução social da família ainda é, francamente, uma droga. Nos normatiza para o trabalho produtivo. Faz-nos acreditar que somos ‘indivíduos’. Minimiza os custos de capital enquanto maximiza o tempo de vida como trabalhadores assalariados. (através de bilhões de casas minúsculas, cada uma com sua própria cozinha, micro-crédito e lavanderia). Chantageia-nos a confundir as únicas fontes de amor e cuidado que temos com tudo que é possível termos em vida.

Nós merecemos melhor do que a família. E o tempo do Corona é um excelente momento para praticar a sua abolição. Nas palavras sempre afortunadas de Anne Boyer: “Temos de aprender a fazer o bem para o bem do estranho agora. Agora temos que viver como evidência diária de que acreditamos que há valor na vida do paciente com câncer, do idoso, do deficiente, dos que estão em condições de vida impensáveis, apinhados e em risco”. Ainda não sabemos se conseguiremos arrancar algo melhor do que

o capitalismo dos destroços desta Peste e da Depressão que se aproxima. Eu só postularia com alguma certeza que, em 2020, a dialética das famílias contra a família, dos lares reais contra o lar, vai se intensificar.

*Sophie Lewis é a autora de **Full Surrogacy Now: Feminism Against Family** , e uma escritora independente interessada no comunismo queer, sediada na Filadelfia.*